

FOTOS SARA MAIA

# ESTREIA.MUSICAL

## Os moradores da Avenida Q

O POVO "entrevistou" os personagens do espetáculo que estreia hoje no Via Sul



A atriz Mariana Bravo e sua personagem Kate Monstra, uma menina adorável e fácil de lidar

**Paulo Renato Abreu**  
paulorenatoabreu@opovo.com.br

A partir de hoje, o público fortalezense vai poder conhecer a história de Princeton, jovem que acaba de se mudar para um apartamento na periferia de Nova York e passa a conviver com os excêntricos moradores da Avenida Q. Primeiro musical da Broadway produzido no Ceará, o espetáculo estreia hoje, às 21 horas, no Teatro Via Sul e segue em temporada pelo mês de julho.

Com bonecos, atores e banda ao vivo, a obra politicamente incorreta tem classi-

ficação indicativa de 14 anos. Avenida Q estreia em Fortaleza com um casting de nove atores, sendo quatro cearenses, além de banda com oito músicos. O cineasta Allan Deberton encabeça o projeto junto ao diretor André Gress.

A versão original norte-americana recebeu o importante prêmio Tony Awards, considerado o Oscar do teatro. Desde 2004, o espetáculo tem circulado o mundo em diversas adaptações, com versão brasileira de Claudio Botelho, apresentada no Sudeste.

Hoje, a plateia terá um convidado ilustre, o criador do espetáculo, Jeff Marx, que veio ao Brasil, pela primeira vez, para a estreia cearense.

### Serviço

#### Musical Avenida Q

**Quando:** quintas, sextas, sábados, às 21h, e domingos, às 19h, de julho

**Onde:** Teatro do Via Sul Shopping (Av. Washington Soares, 4335)

**Quanto:** As quintas: R\$ 50 (inferior) e R\$ 40 (superior). Demais dias: R\$ 70 (inferior) e R\$ 50 (superior).

\* 20% de desconto para titulares do cartão O POVO (valor de inteira).

**Telefone:** 3052 8027

### Multimídia

Confira entrevistas completas em: [www.opovo.com.br](http://www.opovo.com.br)



#### ROD, MEIGO E ABUSADO

**O POVO** - E se você for gay? **Rod** - Gay? eu não sou um "homo sei lá o que enrustido". Quem foi que te falou uma coisa dessas? aposto que foi o Nicky, não foi? Isso é intriga dele.

**OP** - O que é mais "uó" em morar na Avenida Q? **Rod** - Eu acho que é ter que morar com uma pessoa que não sabe dar uma descarga, que não lava uma louça, francamente, eu vivo na idade da pedra por causa desse menino (Nicky).



#### LUCY, A DEVASSA

**O POVO** - O mundo é careta ou você está à frente? **Lucy** - Eu estou sempre à frente, meu amor, até para poder ser vista, né? Mas o mundo é careta mesmo.

**OP** - O racismo tem espaço na Avenida Q? **Lucy** - O racismo tem espaço em qualquer lugar. A Avenida Q pode ser em qualquer cidade, mas existem preconceitos que não afetam ninguém, como achar que alguém é da China, quando ela é do Japão.



#### TREKKIE, O MONSTRO

**O POVO** - O que há em comum entre pornografia, intolerância e política? **Trekki** - Eu acho os três safados, cada coisa de uma forma diferente. A pornografia é a que eu mais gosto, sou viciadão, adoro um site pornô.

**OP** - O que é o melhor de conviver nessa avenida? **Trekki** - "Mim" não ser muito de conviver direito com as pessoas, mas sei que as pessoas me aceitam, mesmo eu tendo esse meu jeito estranho.

## PONTO DE VISTA



Lucas Mota, repórter O POVO

#### Lúdico e reflexivo

O musical Avenida Q consegue tratar temas como racismo, preconceito, homossexualidade e pornografia de forma séria, e ao mesmo tempo leve, como na abertura do espetáculo

com os bonecos cantando o refrão "Que merda estou" e fazendo uma crítica à situação da periferia. Na cena "Racista", piadas com negros e imigrantes são contadas com irreverência e transparência. O mesmo acontece nas encenações de "Se você for gay", cujo personagem está indeciso sobre sua sexualidade. Vale ressaltar ainda o sincronismo da interpretação dos atores e da manipulação dos bonecos, juntamente com

uma banda ao vivo. Os atores conseguiram dar vida e movimento aos personagens de Avenida Q com perfeição e cuidado nos detalhes, como o jeito de falar, de caminhar e de se expressar. Em tempos de politicamente correto, o espetáculo se desprende totalmente do conceito. Assistir a bonecos falando palavras e discutindo temas sérios é impactante, ainda mais quando eles acabam provocando você a refletir.

## Erramos

A coluna do jornalista Flávio Paiva, publicada na edição de quarta-feira, 1, teve o último parágrafo suprimido. O texto da coluna pode ser conferido na íntegra em [www.opovo.com.br/colunas/flaviopaiva/](http://www.opovo.com.br/colunas/flaviopaiva/)

## LIVRO. JOSÉ JULIÃO

# O cronista das artes

DIVULGAÇÃO

**Raphaelle Batista**  
raphaellebatista@opovo.com.br

Na intimidade de sua casa, entre os familiares, o advogado José Julião de Freitas Guimarães (1916-1984) era também um artista. Pintava, esculpia, era dado à poesia. Mas na crônica jornalística e cultural cearense ele ficaria conhecido mesmo por seu olhar generoso sobre a arte de outros. Entre os anos de 1969 e 1978 escreveu sobre a produção da chamada "Geração Casa de Raimundo Cela", da qual fizeram parte artistas como Descartes Gadelha, a quem ele chamou de "o representante mais característico da pintura no Ceará" num texto de 1970, publicado na coluna Balaio, da Gazeta de Notícias.

O talento para a escrita e a expertise nas artes, cultivada desde o Rio de Janeiro, cidade onde nasceu e de onde migrou para Fortaleza na década de 1960, estão reunidos no livro *José Julião: a crônica das artes plásticas no Ceará - 1969/1978*. A obra será lançada às 19 horas de hoje, no Auditório do Centro Dragão do Mar, e revela também o cenário da produção local daquele período.

Segundo o jornalista e professor Gilmar de Carvalho, responsável pela coordenação editorial da publicação, muitas carreiras foram estimuladas pelo crítico que "deu espaço (gratuito) nos jornais para jovens artistas, ao mesmo tempo em que contribuiu para o surgimento e o reforço de muitas galerias de arte". "Com ele, o mercado se movimentou", frisa Gilmar.

Companheiro de crítica, Gilmar ressalta a gentileza e a educação de Julião, que



Tela de Aderson Medeiros, do acervo pessoal de José Julião

era sempre o mais pontual e entusiasmado na entrega dos textos. "Ele escrevia com a objetividade jornalística e com uma leveza de quem diluía, sem afetações ou pedantismos, lições de História da Arte, reflexões sobre o mercado, e o percurso da trajetória de boa parte dos nossos artistas", resume.

O livro inclui textos de Julião publicados no O POVO e nos tabloides Balaio e Fortaleza, bem como depoimentos de artistas, críticos e marchands. Fotos dos eventos da época e de peças do acervo pessoal do crítico, que ele fazia questão de comprar para preservar a isenção das análises, também compõem a obra.

Organizado pelas filhas de Julião, Clara, Paula, Raquel e Maria Luiza (Liliza) Guimarães, o livro também retrata um período em que as artes plásticas eram uma alternativa à censura vigente no Brasil, que penava diante da Ditadura Militar. "Os censores nesta época estavam mais preocupados em proibir músicas, peças de teatro, livros, críticas diretas ao sistema. Nas artes plásticas

havia também protestos contra o sistema opressor, mas como proibir algo que não estava explícito?", acredita Maria Luiza.

O projeto do livro, rascunhado pelo próprio Julião e descoberto pelas herdeiras nas arrumações de arquivos da família, foi uma viagem afetiva no tempo, com direito a "muita emoção" e alegria diante dos achados. "Cada página é um mergulho no passado e o reconhecimento do grande valor desse artista que foi o papai. Não se reconhecia como tal, mas era sim um grande artista, tinha alma de artista", conclui.

### Serviço

#### Lançamento de José Julião: a crônica das artes plásticas no Ceará - 1969/1978

**Quando:** Hoje, às 19h

**Onde:** Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (rua Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema)

**Quanto:** R\$ 25

## CINEMA. CAUBY PEIXOTO

# Bastidores em cena

DIVULGAÇÃO

**Marcos Sampaio**  
marcosampaio@opovo.com.br



Filme revela o íntimo de uma das vozes mais bonitas do Brasil

Logo na primeira cena do documentário *Começaria tudo outra vez*, Cauby Peixoto aparece com um semblante entre o cansaço e a mansidão. O compasso da respiração entrega que estar ali no palco não é mais um exercício simples para o cantor de mais de 80 anos. No entanto, ele não dispensa o paletó de lantejoulas brilhantes, a peruca encardada e a maquiagem discreta que já fazem parte do seu personagem.

Ecoando os versos de Caetano Veloso ("Minha voz, minha vida, meu segredo e minha revelação"), a cena que abre o filme de Nelson Hoineff resume o personagem que vai ser descrito nos próximos 90 minutos. Com depoimentos e imagens de arquivo, *Começaria tudo outra vez*, apresenta o retrato de um homem que só quer existir sob as luzes do palco, mantém sua agenda de shows e acaba de lançar um tributo ao ídolo Nat King Cole.

Hoineff perseguiu o cantor durante um bom tempo. Foram dois anos de aproximação e mais quatro de filmagem. Com isso, o diretor conseguiu extrair momentos saborosos do intérprete que immortalizou *Conceição*. Um dos mais chamativos é ouvir Cauby falando sobre experiências sexuais com outros garotos na infância. "Chegou um momento em que eu o coloquei muito a vontade. Nós estávamos falando sobre os ternos, deitados sobre a cama

dele. Já tinha virado uma conversa de velhos amigos, com zero constrangimento", lembra Hoineff, por telefone, revelando que conseguiu a fala driblando o olhar sempre atento da empresária e cuidadora Nancy Lara, que está sempre ao lado do cantor.

Apesar da sexualidade do homem que foi sex symbol nos anos 1950 ser motivo de discórdia desde então, Hoineff nega ser este o ponto alto de *Começaria tudo outra vez*. "Acho que o importante não é ser homossexual ou não. Nos anos 1950 já seria uma tolice, imagine hoje. Em represália, ele nunca falou disso. No entanto, o filme permitiu que, pela primeira vez, ele falasse nisso", defende o diretor que optou por não contar uma história cronológica ou didática. Seguindo os passos do cantor por bastidores e em casa, o filme apresenta pistas sobre as causas e efeitos de uma carreira duradoura e ainda em plena atividade.

Depois de documentários retratando figuras como Paulo

Francis (Caro, Francis), e Charcinha (Alô, Alô, Terezinha), Hoineff sabe o que buscar nos seus personagens. "O que me interessa é a veia transgressora. Logo, não são documentários, mas filmes que se utilizam das pessoas para falar de transgressão", define o diretor que encontrou nas dualidades de Cauby muito das suas transgressões. Entre o brega e o chique, o masculino e o feminino, o dono de uma das vozes mais admiradas do Brasil é também um homem calado e discreto, que, apesar de viver cercado pelo público, tem poucos amigos. "O que é grandioso nele é o olhar e eu vou buscá-lo ali. É isso que a gente tem que descobrir", sugere.

### Serviço

#### Filme Cauby-Começaria tudo outra vez

**Quando:** sexta, 3, às 18h30 e domingo, 5, às 10h30

**Onde:** Cineteatro São Luiz

**Ingressos:** R\$ 6 (inteira) e R\$ 3 (meia)